

# 4

## CAPÍTULO

# PROTOTIPICIDADE DOS VERBOS DE COGNIÇÃO E INTEGRAÇÃO DE EVENTOS

ELIETE FIGUEIRA BATISTA DA SILVEIRA<sup>1</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Os verbos de *cognição* da oração matriz (principal) foram aqui analisados<sup>2</sup> com base na Teoria Funcionalista de linha americana, cujo pressuposto é o de que a língua é internamente estruturada como um organismo dentro do qual subsistemas se hierarquizam (GIVÓN, 1984, p. 115). No âmbito clausal, a gramaticalização está associada a um processo de dessentencialização, em que as completivas vêm, diacronicamente, perdendo as características prototípicas de oração, quais sejam, perda da marca morfológica de sujeito e redução das marcas de tempo/aspecto e modalidade. Givón (1995, p. 277) afirma que, no processo de integração, duas (ou mais) cláusulas com duas (ou mais) séries de argumentos emergem para produzir uma única construção. Interessa, pois, de-

---

<sup>1</sup> À Profa. Sílvia Brandão, a quem dedico minha mais profunda admiração e respeito. Meu ingresso na UFRJ não seria possível sem seu incentivo, apoio e orientação. Muito obrigada!

<sup>2</sup> Este artigo apresenta os resultados parciais de pesquisa realizada no âmbito do doutorado, cujo estudo se centrou em três categorias verbais: modalidade, manipulação e cognição.

monstrar neste artigo que os verbos cognitivos apresentam diferentes graus de integração, distinguindo-se, inicialmente, por englobarem verbos pronominais e não pronominais.

Os dados escritos foram coletados em crônicas e editoriais de três variedades do Português: brasileiro (PB), europeu (PE) e moçambicano (PM). Já os dados da oralidade foram selecionados de entrevistas dos Projetos APERJ – Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (78 inquéritos) –, PEUL – Programa de Estudos do Uso da Linguagem (63 inquéritos) – e NURC – Norma Oral Urbana Culta da cidade do Rio de Janeiro (42 inquéritos) –, para o PB. Para o PE, recorreu-se a trinta e dois inquéritos do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo – CRPC, coletados em diferentes regiões de Portugal. No que tange ao PM, utilizaram-se oito depoimentos pertencentes ao Projeto Panorama do Português Oral de Maputo – PPPOM. Para a validação das complementações possíveis com verbos cognitivos coletados nos *corpora*, utilizaram-se frases geradas pelo autor, bem como coletadas em dicionários de uso.

Este artigo se divide em mais três seções que abordam: os aspectos semânticos e sintáticos dos verbos cognitivos; os graus de integração entre oração matriz e a cláusula completiva, a depender da configuração dos verbos cognitivos, e as principais conclusões do trabalho.

## 2. VERBOS COGNITIVOS: ASPECTOS SEMÂNTICOS E SINTÁTICOS

Os verbos de cognição definem-se, semanticamente, por a cláusula matriz codificar atividade mental ou verbal com um verbo (ou adjetivo) de percepção, cognição, atitude mental ou interação verbal (de elocução). Além disso, o estado ou evento codificado na cláusula complemento é o objeto da atividade mental ou verbal codificada pelo verbo principal.

Sintaticamente, não há nenhuma restrição de correferência entre o sujeito ou objeto da principal e o sujeito da cláusula subordinada. Por sua vez, a subordinada aparece introduzida pelo conector *que* (ou *se*), com a posição de sujeito preenchida (Cf. GIVÓN, 1993a, p. 4-5; 1993b, p. 133-136): Foi quando abri a luz e te vi dormir que me apercebi de que [ ] estava presa – Português Europeu – DN5 (Crônica).

Segundo o critério semântico, esses verbos codificam *preferência* ou *aversão* em vista de um evento ou estado codificado no complemento (*desejar, temer, esperar, preferir*). Outros codificam atitude epistêmica (relativa certeza) em vista da realidade do estado ou evento expresso no complemento (*pensar, acreditar, supor, duvidar*). Alguns verbos com sentido de alta certeza epistêmica são caracterizados

como *pressuposicionais* ou factivos. Nesse caso, o falante considera a proposição da cláusula complemento uma verdade, apesar do valor de verdade da proposição da cláusula matriz (Maria *sabe* que João a amou<sup>3</sup>). Tal fato também é corroborado por Neves (2000, p. 32): “a característica dos factivos é ter participantes de estatuto oracional que, para o falante, não indicam um simples evento, mas um fato, que permanece afirmado quer o verbo da oração principal seja afirmado quer seja negado”.

Estão no grupo de factivos: *entender, lembrar, esquecer* (= *deixar de lado; não levar em conta*), *ver, ouvir, perceber, aprender, encontrar, descobrir, lamentar, conscientizar* (GIVÓN, 1993ab), assim como *saber, compreender, ignorar, lembrar-se* (= *ter na lembrança*), *notar, aperceber-se, observar, recordar-se* (epistêmicos), *admirar, admirar-se, lamentar, deplorar, maravilhar-se, arrepende-se, magoar-se, ressentir-se* (de atitude sentimental), *gabar-se, desculpar-se* (do tipo declarativo – de elocução), *relevar, estranhar, importar-se* (do tipo avaliativo – NEVES, 2000, p. 32-33). Pertencem também ao grupo dos verbos de cognição o factivo negativo (‘fingir’ *pretend*), cujo complemento pode ser considerado falso, e os verbos de expressão/elocução (*anunciar, explicar, propor, revelar*), cuja proposição no complemento é expressa verbalmente pelo sujeito da principal, e pode aparecer no discurso direto ou no indireto (*Ela disse: eu não estou certa* / *Ela disse que não estava certa*<sup>4</sup>).

Deve-se, entretanto, fazer uma ressalva à configuração da completiva selecionada por verbos cognitivos. Neves (2000, p. 32) apresenta, em sua maioria, verbos que selecionam completiva finita com verbo no modo subjuntivo. Tal configuração coaduna-se com a característica das completivas selecionadas por verbo cognitivo: a subordinada aparece introduzida pelo conector *que* (ou *se*), com a posição de sujeito preenchida (Cf. GIVÓN, 1993a, p. 4-5; 1993b, p. 133-136). A autora apresenta, entretanto, a possibilidade de verbos factivos subordinarem não finitas: *Não ignorava ter de me matar para viver* (NEVES, 2000, p. 34), caso em que os sujeitos são correferenciais, o que acontece predominantemente no *corpus*: Hoje em dia, eu me **arrependo** [*de não ter estudado mais e me formado*] – PEUL – mulher.

Submeteu-se, então, a construção com verbos cognitivos do tipo exemplificado aos testes sugeridos por Neves (2000a; 2002, p. 155) para constatar se se tratava de um factivo ou a forma estaria aproximando-se da classe dos implicativos

<sup>3</sup> Exemplo traduzido de Givón (1993a, p. 135): *Mary knew that John loved her.*

<sup>4</sup> Exemplo traduzido de Givón (1993a: 136): *She said: “I’m not sure” / She Said (that) she wasn’t sure.*

(modalidade) ou causativos (manipulativo). Assim, verificou-se que tais construções se incluíam entre os factivos, pois:

- a) a modalidade atua apenas na oração matriz, ou seja, o fato codificado na completiva (*não ter estudado*) não se modificou/modalizou: Hoje em dia eu *deveria* me arrepender de não ter estudado.
- b) aceita marcação de tempo conflitante entre as orações, assim como indicação de lugar na oração completiva: *Hoje em dia* eu me arrependo de não ter estudado *há dois meses*/Hoje em dia eu me arrependo de não ter estudado *lá*.
- c) aceita a reiteração da negação na completiva, ou seja, não + não equivale à negação do conteúdo da cláusula completiva: Hoje em dia eu *não* me arrependo de *não* ter estudado (não + não = não).

Chegou-se à conclusão de que verbos de cognição, arrolados entre os factivos, também selecionam completiva na forma não finita. Tais estruturas estão mais gramaticalizadas do que outras que somente se constroem com finitas, perdendo, assim, as características prototípicas de verbo de cognição, ou seja, afastando-se do centro dessa categoria<sup>5</sup>.

A partir da categorização dos verbos, Givón (1993b, p. 6) estabelece uma escala, relacionando uso de verbos e integração de eventos. Quanto mais semanticamente integrados forem dois eventos, mais integrados serão morfossintaticamente<sup>6</sup>. E afirma que a união de cláusulas em línguas em que é possível o encaixamento é uma questão de grau, e envolve quatro traços estruturais (GIVÓN, 1993b, p. 23; 1995, p. 286):

- a) *Co-lexicalização de dois verbos* – relaciona-se ao princípio da proximidade, segundo o qual “quanto mais próximas duas entidades são em significado, mais exibirão proximidade temporal no nível do código<sup>7</sup>”. Segundo Givón, se o verbo da oração matriz pertencer ao nível mais alto da escala de integração de eventos, mais facilmente ele será co-lexicalizado.

<sup>5</sup> Esta abordagem relaciona-se à ideia de *categorias radiais* da Linguística Cognitiva, segundo a qual há membros pertencentes a uma categoria que não apresentam todos os traços do membro prototípico.

<sup>6</sup> Aplicada essa escala, os verbos de modalidade e os manipulativos apresentam maior integração da cláusula complemento com o verbo da matriz do que os verbos cognitivos.

<sup>7</sup> “The closer two linguistic entities are in meaning, the more they will exhibit temporal proximity at the code level” (GIVÓN, 1993, p. 24)

- b) *Integração relacional do agente do complemento (causado) na cláusula matriz* – quanto mais semanticamente incorporado estiver a cláusula complemento à cláusula matriz, menos características/marcas de sujeito agente terá a subordinada.
- c) *Morfologia* – finita / não finita – do verbo complemento – se o verbo está em uma escala alta de integração de evento, mais nominal será seu verbo complemento.
- d) *Separação entre as cláusulas pelo subordinador ou pausa* – a presença de um subordinador (*que*) ou a quebra na entonação marca uma menor integração entre as cláusulas. Quanto mais baixo na escala de integração de eventos estiver o verbo da principal, maior será a tendência de ele se separar pelo subordinador ou por pausa (Cf. GIVÓN, 1993b, p. 28). De acordo com GIVÓN, o uso de subordinador ou de pausa é uma relação de exclusão (em distribuição complementar). O subordinador é utilizado com verbos do alto da escala de integração, quando duas cláusulas estão sob um mesmo contorno de entonação. Ainda, *o subordinador torna-se significante na codificação da transição dos verbos de manipulação e modalidade para verbos cognitivos*.

Cabe destacar que, normalmente, verbos que se apresentam com preposição em construções simples a perdem ao se transformarem em construções complexas. Servem de exemplo os verbos *crer* (*Ele crê em Deus* = ter fé / *Creio que a crise afetou o Brasil* = acreditar; julgar), *acreditar* (*Ele acredita no próximo* = ter fé / *Acredito que as coisas vão melhorar* = julgar), *pensar* (*Ele pensou em Maria* = raciocinar; refletiu sobre / *Penso que a saída é a educação* = achar; considerar) cujos significados se modificam justamente quando a complementação se faz mediante o subordinador *que*. Esses verbos se configuram entre os verbos de cognição.

Após a caracterização semântica e sintática, apresentam-se, a seguir, a análise quantitativa e qualitativa, bem como uma proposta de escala de integração entre matriz e completiva dos verbos cognitivos em Português.

### 3. VERBOS COGNITIVOS E INTEGRAÇÃO CLAUSAL

No conjunto de dados dos verbos de cognição, há um maior número de ocorrências de verbos na forma não finita. São 846 completivas na forma não finita, e apenas 178, na forma finita, o que demonstra que essa categoria verbal seleciona a estrutura mais integrada formal e cognitivamente:

**Tabela 1** Distribuição das ocorrências de verbos de *cognição*, segundo a forma da oração completa – *corpora* oral e escrito.

| VERBOS DE COGNIÇÃO   | ORAL       |            | ESCRITO    |            |
|----------------------|------------|------------|------------|------------|
|                      | FINITA     | NÃO FINITA | FINITA     | NÃO FINITA |
|                      | Nº DE OCO. | Nº DE OCO. | Nº DE OCO. | Nº DE OCO. |
| Acreditar            | 79         | 01         | 07         | 01         |
| Aperceber-se         |            |            | 01         |            |
| Aprender             |            | 03         |            |            |
| Arrepende-se         |            | 01         |            |            |
| Concordar            |            |            | 01         |            |
| Convencer(-se)       |            |            | 03         |            |
| Conscientizar-se     |            | 01         | 05         |            |
| Crer                 | 14         | 01         | 01         |            |
| Desconfiar           | 01         |            |            |            |
| Duvidar              |            |            | 03         |            |
| Entender             |            | 01         |            |            |
| Envergonhar-se       |            | 02         |            |            |
| Falar                |            | 01         |            | 02         |
| Gabar-se             | 01         |            |            |            |
| Gostar               | 36         | 764        |            | 17         |
| Hesitar              |            |            |            | 01         |
| Importar-se          |            |            |            | 01         |
| Lembrar              | 21         | 06         | 02         | 01         |
| Orgulhar-se          |            | 01         |            |            |
| Pensar               | 03         | 34         |            | 03         |
| Recordar             |            | 01         |            | 01         |
| Vangloriar-se        |            |            |            | 01         |
| <b>Total parcial</b> | <b>155</b> | <b>817</b> | <b>23</b>  | <b>29</b>  |
| <b>Total</b>         | <b>972</b> |            | <b>52</b>  |            |

Fonte: BATISTA DA SILVEIRA (2003: 164).

Os verbos de cognição dividem-se em dois grupos, segundo a forma que o predador admite: 1) não pronominal/pronominal (de dupla forma, como *convencer-se/convencer*), e 2) não pronominal (*pensar/crer*).

Os verbos que admitem a dupla forma têm a completiva menos integrada do que os predicadores não pronominais, apresentando, portanto, a seguinte escala de integração:



### 3.1. Verbos de dupla forma: não pronominal e pronominal

Os verbos pronominais a seguir fazem parte do *corpus* analisado. Observa-se que estes possuem a propriedade de selecionarem completiva tanto não finita quanto finita, com sujeitos correferenciais e não correferenciais, ou seja, não apresentam a correferencialidade como regra de restrição, como se observa nas construções criadas pelo autor (T) e nas coletadas em dicionários (D), contrastadas com os dados do *corpus*:

#### A. *aperceber-se/aperceber*

1. Foi quando abri a luz e te vi que me apercebi (de) estar presa (perceber; notar, dar-se conta). (T)
2. Foi quando abri a luz e te vi dormir que me apercebi de que [ ] estava presa – Português Europeu – DN5 (Crônica).
3. Foi quando abri a luz e te vi que me apercebi de que [Maria] estava presa. (T)

#### B. *arrepender-se/arrepender*

1. Hoje em dia, *eu* me arrependo de não ter estudado mais e me formado – PEUL – Português Brasileiro (sentir pesar; remorso por atitude tomada).
2. Hoje em dia, *eu* me arrependo de que [ ] não tenha estudado mais. (D)
3. Hoje em dia, *eu* me arrependo de que [Maria] não tenha estudado mais. (D)

#### C. *convencer-se/convencer*

1. Precisamos nos convencer de [o passado] não voltar mais (passar a ter certeza ou a aceitar; ficar persuadido). (T)

2. Precisamos nos convencer que o passado não volta mais – BUNDAS – Ano 1/nº 41 – Português Brasileiro.
3. Precisamos nos convencer de que [*o passado*] não volta mais. (T)

#### **D. conscientizar-se/conscientizar**

1. O povo brasileiro tem que se conscientizar de [toda a gente] não poder votar em fulano. (T)
2. O povo brasileiro tem que se conscientizar de [ ] não poder votar em fulano. (T)
3. \*O povo brasileiro tem que se conscientizar de não se poder votar em fulano. (T)
4. O povo brasileiro tem que se conscientizar que não se pode votar em fulano – Português Brasileiro (Redação 94).
5. \*O povo brasileiro tem que se conscientizar de que [ ] não pode votar em fulano. (T)
6. \*O povo brasileiro tem que se conscientizar de que [ninguém] pode votar em fulano. (T)

Observa-se que o verbo *conscientizar-se* pode ter o sujeito da completiva lexicalizado (D.1) e (D.6), apagado (D.2) e (D.5) ou indeterminado (D.3) e (D.4).

#### **E. envergonhar-se/envergonhar**

1. Eu não me envergonho de ter crescido naquele tipo de condição – Português Moçambicano.
2. Eu não me envergonho de que [ ] tenha crescido naquele tipo de condição. (T)
3. Eu não me envergonho de que [*Maria*] tenha crescido naquele tipo de condição. (T)

#### **F. gabar-se/gabar**

1. Mas não dentro daquela harmonia do casal que se ama – que se gaba de [ ] se amar. (T)
2. Mas não dentro daquela harmonia do casal que se ama – que se gaba de [*outros*] se amar. (T)
3. (...) mas não dentro daquela harmonia do casal realmente que se ama – que se julga/ que se gaba de que se ama não! – AM161JA – Português Moçambicano.



4. Mas não dentro daquela harmonia do casal que se ama – que se gaba de que [outros] se amam. (T)

### **G. importar-se/importar**

1. Importo-me em sublinhar este aspecto (...) – JN5 – Português Europeu.
2. Importo-me (em) que [ ] sublinhe este aspecto. (T)
3. Importo-me (em) que [Maria] sublinhe este aspecto. (T)
4. Importa-me que Maria sublinhe. (T)

Como se pode observar em (G.3), a completiva estabelece uma relação de objeto direto com o predicador, tendo a estrutura simplificada. Pode, ainda, selecionar complemento indireto e argumento externo oracional (G.4).

### **H. lembrar-se/lembrar**

1. Eu me lembro de [ ] fazer Tiro de Guerra. (T)
2. Eu me lembro de [Paulo] fazer Tiro de Guerra. (T)
3. Eu me lembro que eu fiz o “Tiro de guerra” no último ano lá – NURC – INQ0080 – Português Brasileiro.
4. Eu me lembro (de) que Paulo fez Tiro de Guerra. (T)

### **I. orgulhar-se/orgulhar**

1. Podia neste momento orgulhar-me de [ ] ter sido um dos bolseiros da igreja – PPOM. – Português Moçambicano.
2. Podia neste momento orgulhar-me de [meu filho] ter sido um dos bolseiros da igreja
3. Podia neste momento orgulhar-me de que [ ] tenha sido um dos bolseiros da igreja. (T)
4. Podia neste momento orgulhar-me de que [meu filho] tenha sido um dos bolseiros da igreja. (T)

### **J. recordar-se/recordar**

1. (...) até agora ainda não me recordo de ter ouvido uma subida de setenta e cinco por cento de vencimentos nunca! – PPOM – Português de Moçambique.

2. Não me recordo de [*Maria*] ter ouvido uma subida de setenta e cinco por cento. (T)
3. Não me recordo de que [ ] tenha ouvido uma subida de setenta e cinco por cento. (T)
4. Não me recordo de que [*Maria*] tenha ouvido uma subida de setenta e cinco por cento. (T)

### ***K. vangloriar-se/vangloriar***

1. Enquanto os Estados Unidos vangloriam-se de terem se tornado o grande “melting pot” do século XX – Português Brasileiro.
2. Enquanto os Estados Unidos vangloriam-se de [aqueles países] terem se tornado o grande “melting pot” do século.
3. \*Enquanto os Estados Unidos vangloriam-se de que [ ] tenham se tornado o grande “melting pot” do século XX. (T)
4. Enquanto os Estados Unidos vangloriam-se de que [*a Inglaterra*] tenham se tornado o grande “melting pot” do século XX. (T)

Alguns dos verbos acima podem ocorrer na forma não-pronominal e, nesta configuração, selecionam diferentes tipos de complementação, sendo por esse critério classificados.

Um primeiro grupo é o dos predicadores *arrepender*, *gabar*, *orgulhar* e *vangloriar*, que apenas selecionam complementação simples, com relação de objeto direto:

#### ***A. arrepender (fazer ficar arrependido, fazer sentir pesar ou culpa)***

O pregador arrependeu os fiéis pecadores. (D)

#### ***B. gabar (louvar; elogiar)***

O vendedor gabava a nova coleção de verão. (D)

#### ***C. orgulhar (encher de orgulho)***

Os filhos orgulham os pais. (D)

#### ***D. vangloriar (inspirar vanglória; tornar vaidoso)***

Os elogios vangloriavam o jornalista. (D)

Outro grupo é representado no *corpus* pelo verbo *aperceber*. Esse verbo tem a possibilidade de construir-se com a omissão do segundo complemento na forma *de* + nome designativo de provisão (BORBA, 1990).

#### – *aperceber* (*prover*)

1. O comando apercebeu a fortaleza de armas e munições. (D)
2. O comando apercebeu a fortaleza. (D)

Já o predicador *importar* representa o grupo de predicadores que pode selecionar complemento direto (1), complemento direto e indireto apagável (2), complemento expresso por nome abstrato ou oração com preposição apagável (3) e (4) ou, ainda, argumento externo oracional (5) e (6).

#### – *importar*

1. A indústria importou matéria-prima (fazer vir de fora). (D)
2. A guerra importava grave dano ao país (causar). (D)
3. Este livro importa (em) dez libras (atingir certo preço). (D)
4. Viajar importa (em) gastar dinheiro (causar; produzir; originar). (D)
5. Não importa que ele seja louco (ter importância). (D)
6. Não importa ele ser louco. (D)

O predicador *envergonhar* seleciona complementação simples e, ainda, argumento externo oracional:

#### – *envergonhar*

1. João envergonhou as moças (D)
2. Envergonha-o estar perto deles. (T)
3. Envergonha-o Maria estar perto deles. (T)
4. Envergonha-o que Maria Esteja perto deles. (T)

Percebe-se, no grupo acima, a pluralidade de significações que o item verbal pode adquirir. Observe-se, ainda, que *importar* em (2) e (4) é verbo com valor semântico causativo, o que o aproxima da categoria dos predicadores de *manipulação*.

Por último, há verbos que selecionam complemento direto ou relativo, alterando a significação.

**– lembrar**

- A. Os tiroteios lembravam combates (trazer à memória; fazer recordar). (D)
- B. Maria lembrou da roupa na corda (notar; advertir; recordar). (D)

**– recordar**

- A. Recordei aquele companheiro de colégio (tornar a trazer à memória). (D)
- B. Seu nome recorda um dos maiores gênios da história (fazer lembrar). (D)
- C. Não me recordo de seu nome (lembrar). (D)
- D. Recordo bem de suas palavras. (D)

Cabe destacar que a construção *Maria lembrou da roupa na corda* (notar; advertir; recordar) é uma inovação derivada da forma pronominal *lembrar-se*. Por um processo de cruzamento sintático, ocorre a perda do pronome reflexivo, como também se verifica com o verbo *recordar* em: *Recordo bem de suas palavras*.

**3.2. Verbos não pronominais**

No conjunto de verbos não pronominais, observa-se que os predicadores de *cognição* selecionam completiva quer na forma finita quer na não finita. Podem apresentar os seguintes comportamentos:

- a. Mudar de significado pela alteração da forma da completiva.
- b. Permanecer com o mesmo sentido, selecionando quer não finita quer finita, tratando-se apenas de duas formas de codificar o mesmo significado, mas talvez com implicações de ordem pragmática.

Tanto (a) quanto (b) não apresentam regra de restrição quanto à correferencialidade, tendo em vista que a completiva pode ser correferente ou não ao sujeito da cláusula matriz. Tal fato denota menor integração entre os eventos, dado que há maior independência sintática da completiva ou, em outras palavras, a completiva possui traços característicos de oracionalidade.

- c. Selecionar completiva não finita ou finita, mas apresentar regra de restrição quanto à correferencialidade.
- d. Selecionar apenas completiva não finita.

No primeiro grupo, encontram-se os verbos não pronominais *acreditar*, *crer*, *entender* e *pensar*; quando selecionam completiva finita, codificam *juízo*, *opinião*, ou seja, indicam suposição.

Desse grupo, *acreditar*, *crer* e *pensar* caracterizam-se por selecionarem complementação simples preposicionada (complemento relativo) e complementação complexa não preposicionada (complemento direto). A inclusão desses verbos teve por intuito verificar a ocorrência de complementação complexa preposicionada. No *corpus*, não se encontram ocorrências desses predicadores com completivas finitas preposicionadas. De outro lado, é baixo o número de ocorrências de *acreditar* (02 em 88 oco.) e *crer* (01 em 16 oco.) com completiva não finita, ao passo que *pensar* tem comportamento diferenciado (34 em 40 oco.). Apenas *crer* não seleciona completiva não finita preposicionada (Cf. **Tabela 1**):

### **A. acreditar**

Esse preconceito é alimentado pelo fato de pessoas ignorantes (...) acreditarem [*em* existir uma raça pura] – Redação 6.

### **B. pensar**

(minha esposa) até chegou a pensar [*em* levar a turma] – NURC – INQ0060 – Português Brasileiro.

### **C. crer**

Todos nós temos uma poesia que cremos [*transmitir*] – Português Europeu.

Da forma como estão configurados no *corpus*, parece que o predicador *pensar* apresenta completivas mais integradas, uma vez que têm maior frequência na forma não finita (cf. **Quadro 1**).

A seleção de complementação complexa implica serem verbos epistêmicos de atividade mental que codificam relativa certeza. Por outro lado, a completiva na forma não finita implica frase com significação equivalente à construção com complementação simples.

### **– acreditar**

1. (...) porque acreditamos (em) [ ] poder influenciar o futuro, os acontecimentos (...) (crer; confiar). (T)
2. (...) porque acreditamos [*o povo*] poder influenciar o futuro, os acontecimentos (...). (T)

3. Porém, não obstante ser lugar comum que a profecia é irreversível, mas porque acreditamos que podemos influenciar o futuro, os acontecimentos (...). – RT27NO (Crônica) (supor; julgar).
4. (...) porque acreditamos que [o povo] pode influenciar o futuro (supor; julgar). (T)
5. (...) porque acreditamos que [o povo] possa influenciar o futuro.
6. Eu acredito em Deus (crer; confiar). (D)

No que tange aos exemplos (3) e (5) acima, observa-se que o verbo das completivas se encontra no modo indicativo e subjuntivo, respectivamente. Essa opção marca a atitude do falante em relação ao valor de verdade da proposição: o indicativo codifica evento assertivo que se caracteriza por conter alto grau de certeza quanto ao que está proposto na completiva, ao passo que o subjuntivo apresenta evento não assertivo, caracterizado por conter baixo grau de certeza quanto ao expresso na completiva.

### **A. crer**

1. Eu creio (em) já não vigorar o regime de incapacidade (crer; confiar). (D)
2. Eu creio até que presentemente já não vigora o regime digamos de incapacidade que vigorava nesse tempo (...) – PPOM (supor; julgar).
3. Eu creio que [ ] não consiga fazer vigorar o regime de incapacidade (supor; julgar).
4. Eles não criam em Cristo (crer; confiar). (D)

### **B. convencer**

1. De nada adiantou que o outro senador tentasse convencê-lo de ser possível a viagem com um só par de trilhos (persuadir; fazer crer). (T)
2. De nada adiantou que o outro senador tentasse convencê-lo de que a viagem podia ser feita só com um par de trilhos – JG1 (Crônica) – Português Brasileiro.
3. De nada adiantou que o outro senador tentasse convencê-lo de que [ ] poderia fazer a viagem (...). (T)

### **C. entender**

1. Ela uma vez entendeu de [ ] fazer uma festinha – NURC. (julgar oportuno)

2. Ela uma vez entendeu de [Paulo] fazer uma festinha. (T)
3. Ela uma vez entendeu que [ ] faria uma festinha (pensar; crer; achar). (T)
4. Ela uma vez entendeu que [João] faria uma festinha (pensar; crer; julgar). (T)
5. Eles entendem todas as perguntas (compreender, saber perfeitamente). (D)
6. Ele entende de tudo (saber). (D)

Registre-se que em (C.2) e (C.3) o verbo *entender* seleciona completiva direta, mudando de significado, e objeto direto preposicionado em (C.6).

#### **D. pensar**

1. Eu penso em [ ] sentir-me realizada (cogitar; tencionar). (T)
2. Eu penso em [Maria] sentir-me realizada. (T)
3. Eu penso que [ ] me sentiria realizada – CRPF (acreditar; crer; supor). (T)
4. Eu penso que [Maria] se sentiria realizada (acreditar; crer; supor). (T)
5. Eu penso em tudo (raciocinar). (T)

Os verbos *crer* têm, ainda, a possibilidade de apresentar forma pronominal, não necessariamente mantendo o mesmo significado. Trata-se de um uso raro, registrado apenas por Fernandes (1942):

1. Porque sabe quando erra quem se crê de seu pérfido adversário (fiar-se). (D)

No segundo grupo, ou seja, verbos cuja seleção de completiva não finita ou finita não acarreta alteração do significado, estão os predicadores *aprender*, *concordar*, *desconfiar*, *duvidar* e *falar*.

#### **A. aprender (adquirir conhecimento)**

1. (...) aprendi inclusive a corrigir uma maionese – NURC – Português Brasileiro.
2. Aprendi que [ ] corrijo uma maionese. (D)
3. Aprendi que [Maria] corrige uma maionese. (D)

**B. concordar (estar de acordo; assentir)**

1. (...) se você concordar (com/em) ser [*a corrupção*] em São Paulo como um furúnculo que nunca sara (...). (T)
2. (...) se você concordar *que* a corrupção *em São Paulo é como um furúnculo*] que nunca sara, só fica dormente – BUNDAS ano 1/nº 41.
3. (...) se você concordar (com) que [ ] é um furúnculo que nunca sara. (T)

**C. desconfiar (duvidar; suspeitar)**

1. Aí o peixe desconfia de ter mais água. (T)
2. Aí o peixe desconfia que vai ter mais água – APERJ – ITA001B.
3. Aí o peixe desconfia (de) que [*outro peixe*] terá mais água. (T)

A aceitabilidade das frases fica mais evidente nas construções a seguir:

4. Maria desconfia (de) [ ] ter cometido uma gafe. (T)
5. Maria desconfia de [*Paulo*] ter cometido uma gafe. (T)
6. Maria desconfia (de) que [ ] cometera uma gafe. (T)
7. Maria desconfia (de) que [*Paulo*] cometera uma gafe. (T)

**D. duvidar (desconfiar; suspeitar)**

1. Ninguém duvida de [ ] pagar de novo se eles tiverem prejuízo. (T)
2. Ninguém duvida de [*Paulo*] pagar de novo se eles tiverem prejuízo. (T)
3. Ninguém duvida que pagará de novo se eles tiverem prejuízo – BUNDAS – Ano 1/nº 5.
4. Ninguém duvida (de) que [*todos*] pagarão se eles tiverem prejuízo. (T)

**E. falar (anunciar vagamente)**

1. É... eles falam aí [*em proibir*], mas nunca houve uma proibição – APERJ – Português Brasileiro.
2. Eles falam aí que [ ] vão proibir (...). (T)
3. Eles falam aí que [*o IBAMA*] vai proibir (...). (T)



Acredita-se que a opção do falante na seleção de não finita ou finita esteja relacionada ao grau de comprometimento que uma e outra forma espelha. A não finita codifica eventos mais integrados e, portanto, cognitivamente mais comprometidos com o que está sendo expresso na completiva (*Princípio da proximidade*). A finita codifica eventos menos integrados, logo menos comprometidos com o que está veiculado na completiva. Daí se postular que o sentido condiciona a forma, uma vez que a intenção se apresenta também no tipo de completiva escolhida. A diferença entre os verbos não pronominais anteriormente reside na complementação que podem ou não selecionar.

1. João aprendeu inglês (adquirir conhecimentos; passar a conhecer). (D)
2. Eles concordaram as opiniões (combinar). (D)
3. Concordei com o veredicto (assentir; aceitar). (D)
4. As pessoas desconfiam de nós (duvidar; suspeitar). (D)
5. Eles duvidam da bondade divina (desconfiar; não ter certeza). (D)
6. As crianças falam muito. (D)

*Aprender* seleciona complemento direto (1), ao passo que *concordar* seleciona tanto direto (2) quanto relativo (3). Por outro lado, *desconfiar* e *duvidar* selecionam ambos complementação relativa (4) e (5), respectivamente, enquanto *falar* não seleciona complemento (6).

O verbo *gostar* seleciona tanto completiva não finita quanto finita; entretanto, a primeira admite apenas sujeitos correferenciais (1), ao passo que a segunda não admite a correferencialidade (3). A correferencialidade do sujeito da completiva ao da matriz implica inaceitabilidade da frase. Tal fato o aproxima da categoria *modalidade*, como se pode observar pela comparação com os verbos não pronominais do tipo *desistir*.

### – *gostar*

1. Eu não gosto de [ ] ficar gorda – NURC – INQ0328 – Mulher – Alimentação.
2. \*Eu gosto de [*Maria*] ficar gorda. (T)
3. \*Eu gosto de que [ ] fique gorda.
4. Eu gosto de que [*ela*] fique gorda. (T)

Por último, o verbo *hesitar* apresenta a restrição de selecionar apenas completiva não finita com sujeitos correferenciais (1, 2, 3 e 4) ou, ainda, não selecionar qualquer complementação (4).

**– hesitar**

1. Eu não hesito em responder que ficou melhor – Crônica (ficar indeciso).
2. \* Eu não hesito (em) que [ela] responda que ficou melhor
3. \* Eu não hesito (em) que [ ] responda que tenha ficado melhor.
4. As mãos hesitavam (vacilar). (D)

Entre os predicadores de *cognição* encontrados no *corpus*, verifica-se que i) os verbos de dupla forma não apresentam regra de restrição quanto à correferencialidade, uma vez que as frases são aceitáveis tanto com sujeitos correferenciais quanto não correferenciais ao sujeito da cláusula matriz, não importando, ainda, se a completiva é finita ou não finita, ao passo que ii) os verbos não pronominais, em geral, não apresentam restrição quanto à correferencialidade. No entanto, *gostar* e *hesitar* distinguem-se dos demais. *Gostar* não seleciona completiva finita com sujeitos correferenciais, enquanto *hesitar* seleciona apenas completiva não finita com sujeitos correferenciais.

Os verbos cognitivos, embora apresentem completivas finitas, também selecionam um maior número de completivas não finitas. Isso evidencia um processo geral de dessentencialização, em virtude da perda de características prototípicas oracionais, com um sujeito da oração matriz [+ controlador].

Dadas as características expostas anteriormente, as completivas ligadas a verbos cognitivos apresentam duas estruturas prototípicas, a depender do tipo de verbo: (i) pronominal e (ii) não pronominal:

- (i) [Matriz (SN<sub>1</sub>) V<sub>pron</sub>] Prep [Comp<sub>fin</sub> [SN<sub>2</sub> V<sub>indic</sub> (comp)]]
- (ii) [Matriz (SN<sub>1</sub>) V] Prep [Comp<sub>fin</sub> [SN<sub>2</sub> V<sub>indic</sub> (comp)]]

Como resultado, as completivas ligadas a verbos pronominais e não pronominais apresentam a seguinte escala de integração:

| VERBOS PRONOMINAIS                                                                        |                                                                                                                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>+ integrada</b><br><br>[importar-se ↔ arrepende-se ↔<br>}envergonhar-se ↔ orgulhar-se] | <b>– integrada</b><br><br>[aperceber-se ↔ convencer-se ↔<br>conscientizar-se ↔ gabar-se ↔ lembrar-se ↔<br>recordar-se ↔ vangloriar-se] |
| VERBOS NÃO PRONOMINAIS                                                                    |                                                                                                                                        |
| <b>+ integradas</b><br><br>[hesitar] [falar] [entender] [aprender] [gostar]               | <b>– integrada</b><br><br>[concordar ↔ duvidar ↔ desconfiar] [convencer]                                                               |

#### 4. CONCLUSÃO

Os verbos de cognição se apresentam, com maior frequência, complementados por estruturas não finitas, o que indica que essas completivas perderam as características prototípicas, ou seja, a de projetar construções com a posição de sujeito controlador da ação verbal preenchida, verbo com marcas de tempo/aspecto e modalidade, e complemento. Dessa forma, afastam-se do centro prototípico dessa categoria.

Ademais, os verbos de cognição podem configurar-se de duas maneiras: verbos de dupla forma (não pronominal/pronominal: *convencer-se/convencer*) e verbos não pronominais (*pensar/crer*), cujas completivas estão em diferentes graus de integração e, conseqüentemente, de dessentencialização, nas três variedades analisadas.

Cumprе salientar, finalmente, que este trabalho é um recorte do que foi tratado sobre os verbos cognitivos no âmbito da tese de doutorado, ficando muitos aspectos a serem descobertos na leitura do texto na íntegra.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira. *A integração clausal no âmbito das construções completivas de verbo preposicionadas*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *Uma gramática de valências para o Português*. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. (coord.). *Dicionário gramatical de verbos do Português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1990.

GIVÓN, Talmy. *Syntax I*. New York: Academic Press, 1984.

\_\_\_\_\_. *English Grammar – a function-based introduction*. V. I. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993a.

\_\_\_\_\_. *English Grammar – a function-based introduction*. V. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993b.

\_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

NEVES, Maria Helena Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.

\_\_\_\_\_. *A articulação de orações*: reflexões de base funcionalista. Atas do I congresso nacional da ABRALIN. Boletim da ABRALIN (edição 21 – Junho/1997), 1997b. <<http://sw.npd.ufc.br/abralin/an>>. Texto capturado na internet em 15 de julho de 2002.

\_\_\_\_\_. *Construções encaixadas*: considerações básicas. In: II Congresso Nacional da Abralín [CD ROM] (simpósios/Processo de junção, p. 1857-82), 2000a. <<http://sw.npd.ufc.br/abralin/an>>. Texto capturado na internet em 15 de julho de 2002.